

Mulheres editoras: Mery Weiss e o pioneirismo da Editora Garatuja¹

Marília de Araujo Barcellos²
Universidade Federal de Santa Maria – UFSM

Resumo

Este artigo investiga a atuação de mulheres editoras em Porto Alegre, visando mitigar o memoricídio e a invisibilidade de suas trajetórias. Amparada nos conceitos de Bourdieu e de Thompson, a pesquisa mapeia o protagonismo feminino no mercado gaúcho desde 1970, a partir na mídia impressa presente na clipagem da Feira do Livro de Porto Alegre, do acervo da Câmara Rio-Grandense do Livro (CRL). Perfazem a metodologia a pesquisa documental, a literatura na área e comunicações pessoais de agentes do campo literário, contemporâneos da editora. Nesse contexto, destaca-se o pioneirismo de Mery Weiss com a Editora Garatuja (1975-1980) e a montagem do catálogo da empresa em sua pluralidade de gêneros não-canônicos como conto, biografia, dramaturgia, quadrinho e literatura infantil voltada à bibliodiversidade.

Palavras-chave: Mulheres editoras; memória e mercado editorial; Mery Weiss; Editora Garatuja; catálogo bibliodiverso.

Introdução

A historiografia editorial consolidou-se invisibilizando mulheres que atuaram como protagonistas no papel editorial, isto é, na seleção de originais, no planejamento de catálogos e na gestão financeira de suas empresas. A hipótese central deste trabalho é a de que há um “vácuo narrativo” nessa história, de maneira que o objetivo é trazer à luz o trabalho realizado por algumas delas. Inauguramos o presente artigo ao selecionamos a primeira mulher editora a partir da capital gaúcha: Mery Weiss.

O alerta de Chimamanda Adichie para o “perigo de uma só história” (2019), motivou a realização de uma análise cuidadosa dos jornais impressos disponíveis em acervos³. Parte-se da hipótese de que a trajetória do campo editorial tem sido narrada desconsiderando o papel ativo das mulheres. Assumimos como pressuposto que essas profissionais contribuíram decisivamente para a consolidação do setor: seja na tomada de

¹ Trabalho apresentado no GP Produção Editorial, do 25º Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 48º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Doutora em Letras, professora do curso de Comunicação Social-Produção editorial e do Programa de Pós-Graduação em Comunicação – UFSM. Pós-doutorado em Comunicação- PUCRS. E-mail: marilia.barcellos@ufsm.br.

³ A pesquisa está estruturada em duas fases: a primeira, realizada durante estágio pós-doutoral na Faculdade de Comunicação, Artes e Design (FAMECOS/PUCRS), de março de 2024 a março de 2025, fundamentou-se em fontes documentais; a segunda, iniciada em março de 2025 na UFSM como projeto de pesquisa, está em implementação e mobiliza história oral e entrevistas aprofundadas.

decisões, na seleção de títulos e autores, na comercialização e circulação de conteúdos, ou na organização de eventos e em atividades de leitura e escrita.

O núcleo empírico deste estudo é a Feira do Livro de Porto Alegre, realizada ao ar livre na Praça da Alfândega desde 1955. O evento que reúne autores, editoras e leitores em torno de lançamentos, debates e demais atividades do mundo do livro foi criado e organizado pela entidade do setor, a Câmara Rio-Grandense do Livro (CRL). Embora suas primeiras edições retratassem majoritariamente agentes masculinos, com mulheres aparecendo apenas como acompanhantes ou figuras familiares, observa-se uma transformação: a gradual profissionalização do trabalho editorial por mulheres a partir de 1970.

Metodologicamente, a pesquisa organiza-se em duas fases. A primeira foi estruturada por meio de levantamento documental,⁴ com análise histórica dos períodos em que se destaca a atuação editorial na produção de livros impressos no Rio Grande do Sul. Na segunda fase, em andamento na UFSM, recorreremos à história oral e a entrevistas aprofundadas com profissionais contemporâneos das primeiras mulheres editoras, cruzando fontes escritas e depoimentos e busca ampliar a compreensão da vivência editorial a partir dos relatos de profissionais que atuaram diretamente no campo.

Como corpus inicial, a pesquisa toma o ano de 1955, quando ocorre a primeira Feira do Livro de Porto Alegre. A participação das mulheres nesse evento revela mudanças expressivas ao longo do tempo: desde uma presença mais informal e secundária, até uma atuação profissionalizada.

Como ponto de partida, selecionamos Mery Weiss, fundadora da Editora Garatuja (1975–1980), cujas práticas curatoriais e a montagem de um catálogo bibliodiverso, exemplificam a capacidade das mulheres de reconfigurar os parâmetros comerciais e culturais do mercado editorial de uma determinada época.

A Feira do Livro de Porto Alegre é reconhecida não apenas como espaço de difusão editorial, mas como núcleo simbólico e legitimador do sistema literário gaúcho. Nas palavras do artista Cláudio Levitan: “Tudo acontece e passa por ali” (comunicação

⁴ Pesquisa nos acervos da Feira do Livro de Porto Alegre, pasta da clipagem, disponível na CRL, no Museu José Hipólito da Costa e no Instituto Cultural Delfos, em Porto Alegre. Obras autorais, catálogos e livros de crítica sobre Mery e a Garatuja foram encontrados na Biblioteca da PUCRS, na Biblioteca Pública Estadual do Rio Grande do Sul, no acervo do Instituto Estadual do Livro e no acervo pessoal de Cláudio Levitan.

peçoal, 2024), reafirmando o papel da Feira como espaço de trocas, reconhecimento e consagração literária.

A pesquisa *in loco* foi realizada no acervo privado da CRL gratuitamente e sob agendamento, durante quatro meses: abril a agosto de 2024, com interrupção no mês de maio em virtude das enchentes. O acesso presencial ao acervo ocorreu a partir de autorização da administração da CRL, inicialmente uma vez por semana, com interrupção em maio, e retomada semanal de duas a três vezes.

Foram manuseadas mais de 50 leva pastas. Cada pasta (azul) continha de uma a cinco subdivisões, que estão alocadas em uma sala em separado. As pastas foram retiradas e recolocadas nas prateleiras pelo responsável da CRL. Durante a pesquisa documental, primeira fase da investigação, a presença das mulheres foi encontrada em relatórios em cargos de secretariado de edição, em finanças, em assessoria editorial, relações públicas e divulgação, vendas, crítica literária, trabalho jornalístico, dentre outras funções adjacentes à liderança e diretoria, mas que denotam a presença, por meio da ausência na mídia. Principalmente até os anos 1970 em que o panorama no setor era predominantemente masculino, como constata Hawthorne:

Quando as feministas tiveram que lidar com a indústria editorial internacional dominada pelos homens nas décadas de 1970 e 1980, [...] O resultado foi a cooperação entre editores, livrarias e escritores, que colaboraram com suas habilidades e geraram uma rede que, por sua vez, abriu oportunidades de coedição. (Hawthorne, 2024).

O objetivo do estudo, portanto, foi mapear o trabalho editorial desempenhado por mulheres no Rio Grande do Sul, com foco inicial na cidade de Porto Alegre. Além disso, perceber onde, quem e como as referências sobre as mulheres editoras apareciam.

Dessa forma, buscou-se identificar essas profissionais para registrar na memória editorial e dar visibilidade a um tema pouco explorado: a atuação e ocupação de mulheres editoras e as contribuições para o campo.

2. Mulheres que aplainaram o terreno e o florescer das editoras independentes

A escritora e editora Virginia Woolf usa a expressão ‘aplainando o terreno’ para destacar as mulheres que abriram caminho para outras. Ela, como escritora que enfrentou poucos obstáculos concretos, reflete: “muitas mulheres famosas e muitas outras desconhecidas e esquecidas vieram antes, aplainando o terreno e orientando meus passos” (Woolf, 2023, 10).

A pesquisadora colombiana Paula Andrea Marín Colorado (2024), assinala que o a partir do século XXI as editoras assumem seu papel com mais frequência ou surgem no campo, como empreendedoras. Segundo a pesquisadora: “É a partir da segunda metade do século XX que as mulheres começam a participar mais das equipes editoriais e da vida literária do país e, a partir da primeira década do século XXI, os nomes delas figuram como fundadoras ou diretoras de editoras, com algumas exceções”(Marín, 2024). Em paralelo, Susan Hawthorne argumenta que “editores independentes são a fonte da diversidade cultural” e fomentam a bibliodiversidade para enfrentar o monopólio das megaeditoras (Hawthorne, 2024).

Esses referenciais teóricos sustentam a análise dos catálogos editoriais plurais, especialmente no que tange à crescente visibilidade de mulheres empreendedoras no campo da edição. Observa-se que essa presença feminina se articula com o perfil das editoras independentes, cuja atuação se caracteriza por práticas curatoriais voltadas à diversificação de títulos e autores.

A curadoria editorial, nesse contexto, não se limita à seleção de obras, mas revela um posicionamento político e estético que busca ampliar os horizontes da bibliodiversidade.

As escolhas feitas por essas editoras refletem não apenas suas trajetórias pessoais, mas também um compromisso com a representatividade e a pluralidade de vozes no mercado editorial.

2. 1. Mery Weiss e a editora Garatuja

A primeira mulher editora identificada na pesquisa é Mery Weiss. A obra *Autor presente: 30 anos* assim a apresenta:

Nasceu em Rio Pardo em 1937. É escritora infanto-juvenil e bacharel em Comunicação Social e Relações Públicas. Especializou-se em jornalismo impresso, radiofônico e cinematográfico. Nos anos 70 (1970), criou a Editora Garatuja. Inicia sua carreira literária no jornal *Correio do Povo* publicando textos no *Suplemento Infantil*.” (AUTOR PRESENTE, 2002, p. 85).

Autodidata até ingressar na universidade (cursou jornalismo na Famecos/PUC), a menina, que aos cinco anos contraiu poliomielite, construiu um império literário ao permitir o surgimento de uma literatura antes dispersa.

Em vida, sua personalidade era, como a define, com carinho Guaraci Fraga, “febril”, termo que evoca seu estado de inquietude criativa. “Ela incentivava a todos para que publicassem. Ela nos botava a trabalhar!”, conta ele, que enquanto artista assinou a

organização de mais de um título de cartunistas na Garatuja (comunicação pessoal, 2024). No sentido de que tal estado a tenha transformado em um motor propulsor da arte literária.

O escritor Carlos Urbin a descreve com lirismo: “Olhos com 360 graus de brilho, Mery acomodava em seu trono móvel [cadeira de rodas] me pareceu uma pombinha de pele alva. Miúda, agitada, ria e falava sem parar. Cheia de planos e voos.” (Urbin, 2002). E prossegue ao narrar a criação da Editora Milha, ao lado de Luis Fernando Verissimo, Iara e Aníbal Bendati:

Cada vez mais feliz, a pombinha voa livre, rodinhas ao vento, alegrando todos os leitores com histórias repletas de ternura. Não, não é uma pomba alva e miudinha. É, no trono, a fada cheia de sensibilidade que vem acariciando as crianças há mais de três décadas. (...) (Urbin, 2002, págs. 2 e 3).

Como autora de literatura infantil, Mery teve sua obra publicada por diferentes casas editoriais⁵ e organizou coletâneas para editoras.

A Editora Garatuja foi fundada em 1975 por Mery Weiss e Sergio Mota e Silva. Cláudio Levitan, amigo da família, relembra (comunicação pessoal, 2024): “Mery vendeu um apartamento para abrir a Garatuja!”.

Isto evidencia o espírito pioneiro e a determinação de Mery Weiss em criar um espaço editorial independente, comprometido com a diversidade literária.

3. Garatuja: o lugar do humor, da dramaturgia, da poesia, da crônica e dos clássicos

Em *Mercadores de cultura* (Thompson, 2013), o pensador discute como o mercado editorial tende a excluir gêneros como poesia, teatro e conto. E como determinadas práticas podem marginalizar produtos culturais que não se encaixam nos moldes comerciais convencionais.

Por sua vez, Ana Gallego Cuiñas reforça essa perspectiva ao listar a publicação desses gêneros presentes na relação dos itens por ela considerados na pesquisa de editoras feministas na América Latina. O primeiro elencado consiste na “Publicação de gêneros literários menores[...] como a poesia, o ensaio, o teatro ou o conto [...] (Cuiñas, 2024, s/p). Esse foco prioriza formas de escrita historicamente relegadas ao limiar do sistema cultural dominante.

3.1 A aposta da Garatuja na bibliodiversidade

⁵ Foram encontradas 23 publicações assinadas pela Garatuja. Dentre elas, apenas *O Menino e a Canção* traz Mery Weiss como autora em sua primeira versão, publicada em 1976. Posteriormente, a obra foi lançada pela editora Mercado Aberto.

A Editora Garatuja incorpora esses princípios em seu catálogo, valorizando não apenas o capital econômico, mas também o simbólico, humano e social de obras anteriormente fora de circulação. Exemplos dessa estratégia incluem a reedição de clássicos de autores como Mario Quintana, Dyonélio Machado e Graciliano Ramos, que trazem à luz livros esgotados. Um exemplo é a reedição de *Pé de Pilão* (1975), obra infantil de Quintana — mas que “todo adulto gosta” — produzida com uma equipe qualificada e prefaciada por Erico Verissimo:

“Meus amigos, na minha opinião Mario Quintana é hoje em dia um dos cinco maiores poetas de todo o Brasil. *Pé de Pilão* é um livro que ele escreveu para crianças de várias idades, mas que também pode e deve! ser lido por gente grande. Mas... como é que eu entro nessa história toda? Ora, eu não entro. Fico cá do lado de fora da casa do livro, gritando para todos os ouvidos e a todos os ventos que o livro é bonito, divertido, faz a gente rir e querer saber "que é que vem depois..." Os desenhos são muito bons e foram feitos por um famoso artista, Edgar Koetz, gaúcho como o autor da aventura. [...] (Verissimo, prefácio *Pé de pilão*, 1975, p. 5 e 6)

Defende o escritor que o autor que o poeta, velho conhecido dele “[...] é um anjo disfarçado de homem. Às vezes, quando ele se descuida ao vestir o casaco, suas asas ficam de fora. (Ah! Como anjo seu nome não é Mario e sim Malaquias)” (Verissimo, prefácio, 1975).

Ao elencar essas obras em seu catálogo, a editora reforça seu compromisso com a bibliodiversidade e a legitimação de vozes historicamente invisibilizadas: poetas, quadrinistas, obras adormecidas no tempo.

3.2 O caso *Pé de Pilão* e outras garatujas

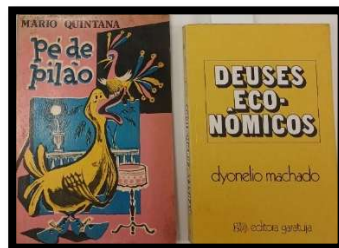
Pé de Pilão teve sua primeira edição pela editora Vozes, do Rio de Janeiro, em 1968, quando foi publicada sem prefácio e com as ilustrações são de Luiz Antonio Pires. Em 1975, é inserido no catálogo da Garatuja, com prefácio de Erico Verissimo (1905-1975) e desenhos de Edgar Koetz, conforme Figura 1 a seguir. Já em 1980, ao integrar na L&PM, a editora manteve as ilustrações de Koetz e o prefácio de Erico.

Em 1986, em homenagem aos 80 anos do poeta Mario Quintana, a editora L&PM lançou uma edição especial (com seis mil exemplares) com a adaptação da obra em quadrinhos desenhada por Cláudio Levitan.

Ao chegar na Ática em 1995, após a morte de Quintana no ano anterior, a edição mantém o prefácio de Verissimo e o justifica com nota da editora: “Érico Verissimo foi um grande romancista, autor de muitos livros, inclusive para crianças. Ele e Mário Quintana eram gaúchos. Os dois já morreram [...] e o texto é antigo, mas achamos importante vocês ficarem conhecendo o trabalho e a pessoa de Mário Quintana visto pelos olhos carinhosos de seu grande amigo Érico Verissimo”(8a. ed. Ática, 2005). É mantido

o prefácio, mas foi alterada a autoria da ilustração que agora quem assina é o chileno Gonzalo Cárcamo.

Figura 1: *Pé de Pilão*, Mario Quintana e *Deuses Econômicos*, Dyonélio Machado da Editora Garatuja



Fonte: Edições disponíveis no Acervo Instituto Cultural Delfos /PUCRS

Verissimo sublinhou, no paratexto, a relevância das ilustrações. O projeto gráfico de *Pé de Pilão*, pela Garatuja, incorpora o trabalho de Koetz com cores vibrantes, criando uma ponte visual com públicos jovens. A presença de um texto introdutório breve, assinado por um escritor contemporâneo, exemplifica o que Genette (2009) denomina paratexto de orientação, i.é., um dispositivo que serve para guiar a leitura segundo determinadas chaves interpretativas. Nessa edição, o foco está na experiência de leitura ofertada na publicação, o que reflete a lógica de mercado em baixa escala, dedicada a editoras independentes. Conforme Thompson (2013), editoras voltadas para circulação com custos reduzidos de produção.

Sem sombra de dúvidas, a atuação de Weiss sendo escritora de literatura infantil, e editora fundadora da Garatuja, contribuiu para que a produção fosse publicada, difundida e colocada em circulação. Foi ela quem produziu uma série de obras em coedições com o Instituto Estadual do livro à época, dirigido por outra das mulheres incríveis que Porto Alegre já teve: Ligia Averbuck.

O catálogo da Garatuja reuniu títulos de dramaturgia e contos de autores regionais – entre eles Flávio Alcaraz Gomes, Sérgio Jockyman, Maria Luíza Barcellos, Ivete Brandalise e Ivo Bender – além de textos de Ivo Bender, Carlos Carvalho e Maria de Garcia. Destacam-se também as obras de cunho gaúcho de Paixão Cortês, publicadas em edição bilíngue (português/inglês), estratégia que reforçou a identidade cultural do Rio Grande do Sul.

Os autógrafos e dedicatórias encontrados nos materiais manuseados a partir dos acervos consultados retratam os elos de Mery Weiss com os autores, como é o caso do agradecimento de Quintana à editora e os autógrafos de Mery na obra “De um mealheiro de histórias”, de Elbio Piccoli para Dyonélio Machado.

No catálogo da Garatuja encontramos Dyonélio Machado e “Os deuses econômicos” reeditado, juntamente com obras premiadas e publicadas pela editora. Salvo engano, o único romance encontrado no catálogo recuperado na pesquisa.⁶

Conforme pode-se conferir no Quadro 1 com a produção, parcial, das publicações da casa editorial, com a curadoria de Weiss:

Quadro 1: Obras de destaque da Editora Garatuja:

Título	Autor	Gênero	
Pé de Pilão	Mario Quintana	Literatura infantil	coedição com IEL
A terra dos meninos pelados	Graciliano Ramos	Contos	coedição com IEL
QI 14	Cartunistas/quadrinistas	Humor	
14 Bis	Cartunistas/quadrinistas	Humor	
Os deuses econômicos	Dyonélio Machado	Romance	reedição

Fonte: elaboração da autora

Ao reunir em seu catálogo autores consagrados – como Mario Quintana, Graciliano Ramos e Dyonélio Machado, a Editora Garatuja mobilizou uma considerável carga de capital intelectual, na medida em que associou seu selo ao prestígio literário desses nomes. Simultaneamente, fortaleceu seu capital social ao tecer redes de cooperação e confiança junto a autores, críticos, instituições culturais e leitores.

John B. Thompson (2013, p. 47) observa que, para editoras independentes, “o reconhecimento simbólico advém tanto do repertório de saberes mobilizados pela expertise editorial (capital intelectual) quanto das relações de solidariedade e reciprocidade estabelecidas entre os agentes do campo (capital social)”. Desse modo, a presença desses escritores no catálogo não apenas enriqueceu a linha editorial da Garatuja, mas também elevou sua legitimidade simbólica e ampliou sua capacidade de interlocução no mercado, reforçando sua estratégia de resistir ao monopólio das grandes editoras. Estudos de José de Souza Muniz Jr. (2016) mostram como editoras independentes, muitas vezes de menor porte, estruturam catálogos heterogêneos como estratégia de resistência ao monopólio cultural. Catálogos não-canônicos ocupam posições periféricas nesse campo, mas constroem capital simbólico ao introduzir novos gêneros e ampliar o público leitor. Weiss foi uma desbravadora, um modelo precedente para outras que vieram, sem mesmo saberem, perpetuam o rastro da dedicação aos livros, à literatura, como ela o fez.

⁶ Para a reconstituição do catálogo foram consultadas a Biblioteca da PUCRS, a Biblioteca Pública Municipal de Porto Alegre, o Instituto Delfos e o acervo digital da Fundação Biblioteca Nacional.

Por fim, encerramos esse estudo de acordo com o que nos declara Levitan, estamos diante de:

"Uma mulher incrível. Uma mulher que no final da sua passagem ainda falava em criar uma outra editora. Uma mulher que com o seu trabalho de editora soube pincelar obras, autores, ilustradores de qualidade e soube executar as tarefas editoriais, criar um catálogo, criar uma linha editorial. Ela publicava os quadrinistas". (Levitan, comunicação pessoal, 2024).

Ela mesma conta que a editora faliu em 1980, mas nem por isso saiu do mundo dos livros, seguiu como autora e organizadora de coleções.

Considerações

Esta pesquisa teve por objetivos mapear a presença de mulheres editoras a partir da mídia impressa disponível no acervo da Câmara Rio-Grandense do Livro. Ao categorizar as funções por elas exercidas no mercado editorial, destacamos o pioneirismo de Mery Weiss à frente da Editora Garatuja (1975–1980) e problematizamos a invisibilidade histórica (memoricídio) que as silencia. Ao examinar clipagens da Feira do Livro (1955–2005), constatou-se que, embora mulheres já atuassem em cargos de direção, secretariado e assessoria desde meados dos anos 1970, seus nomes raramente eram registrados nos periódicos.

Os resultados evidenciam que a atuação de Mery Weiss reforçou o capital simbólico do selo Garatuja ao reunir no catálogo autores consagrados (Quintana, Graciliano Ramos, Dyonélio Machado) e gêneros não-canônicos (contos, quadrinhos, dramaturgia, biografias). Essa pluralidade tensionou o cânone literário e mobilizou rede de capital social, prática que, nas palavras de Thompson (2013), constitui resistência ao monopólio cultural.

Em “Nós, mulheres: grandes vidas femininas” Rosa Montero levanta a voz para dizer que o trabalho de mulheres incríveis morreu junto com elas. Justifica a invisibilidade ao longo das civilizações a partir do fato de que a história é escrita pelos homens, diz ela: “Há uma história que não está na história e que só pode ser resgatada aguçando os ouvidos e escutando o sussurro das mulheres” (Prólogo, 2020). A fala da escritora espanhola vem ao encontro do que propaga Chimamanda Adichie (2019) quando chama atenção para o perigo de uma história única. Este estudo fornece subsídios para investigações futuras, como análise da recepção pelos leitores, entrevistas com editoras independentes em outros polos regionais e a incorporação de uma perspectiva de gênero mais ampla na historiografia editorial.

Referências

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **O perigo de uma história única**; tradução de Julia Romeu. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

DUARTE, Constância. **Memoricídio e resistência editorial**. Porto Alegre: Editora UFRGS, 2023.

FRAGA, Guaraci. **Comunicação pessoal** concedido à autora. Porto Alegre, dez. 2024.

GALLEGO CUIÑAS, A. **Femedição**: Por uma práxis editorial feminista ibero-americana. **Revista Eco-Pós**, [S. l.], v. 27, n. 2, p. 278–306, 2024. DOI: 10.29146/eco-ps.v27i2.28404. Disponível em: https://revistaecopos.eco.ufrj.br/eco_pos/article/view/28404. Acesso em: 20 jun. 2025.

GENETTE, Gérard. **Paratextos editoriais**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2009.

HAWTHORNE, Susan. **Bibliodiversidade**: um manifesto pelas edições independentes. Belo Horizonte: LED/CEFET-MG/Labed-UFMG, 2024. Disponível em: <https://www.led.cefetmg.br/bibliodiversidade-2/>. Acesso em: 22 maio 2025.

LEVITAN, Cláudio. **Comunicação pessoal** concedido à autora. Porto Alegre, dez. 2024.

MACHADO, Dyonélio. **Deuses Econômicos**. Porto Alegre: Garatuja, 1975. Exemplar consultado no Acervo Instituto Cultural Delfos.

MARÍN, Paula Andrea. **Elas editam**: História editorial e arquivos vivos na Colômbia. Belo Horizonte: Led, 2024.

MONTERO, Rosa. **Nós, mulheres**: grandes vidas femininas. São Paulo: Planeta, 2020.

MUNIZ JR., José de Souza. **Girafas e bonsais**: editores “independentes” na Argentina e no Brasil (1991–2015). 2016. Tese (Doutorado em Sociologia) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2016.

QUINTANA, Mario. **Pé de Pilão**. Porto Alegre: Garatuja, 1975. Exemplar consultado no Acervo Instituto Cultural Delfos.

THOMPSON, John B. **Mercadores de cultura**: o mercado editorial no século XXI. Tradução de Alzira Allegro. São Paulo: Editora Unesp, 2013.

URBIN, Carlos. **Memórias da literatura gaúcha**. In: Mery Weiss (org.) MORGANTI, Vera. Série Autores gaúchos-Revista. Porto Alegre: IEL, 2002.

WOOLF, Virginia. Profissões para mulheres e outros artigos feministas. Porto Alegre: L&PM, 2023.